

Antropologia Fora Dos Eixos? Algumas Considerações Sobre As Particularidades Da Formação De Um Campo De Pesquisas No Piauí, Brasil

Anthropology Out Of The Axis? Some Considerations About The Particularities Of The Formation Of A Research Field In Piauí, Brazil

Fabiano de Souza Gontijo

Doutor em Antropologia Social. Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales
Professor da Universidade Federal do Pará
E-mail: fgontijo2@hotmail.com

Endereço: Fabiano de Souza Gontijo

Universidade Federal do Pará. Rua Augusto Corrêa, 01, Guamá, CEP: 66075-110, Belém/PA, Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 08/07/2015. Última versão recebida em 08/08/2015. Aprovado em 09/08/2015.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

Apoio e Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

RESUMO

O artigo apresenta algumas reflexões preliminares sobre as particularidades da formação, do desenvolvimento e da consolidação do campo disciplinar da antropologia no estado brasileiro do Piauí. O que caracteriza e diferencia o perfil da formação da antropologia no Piauí em relação à antropologia nacional talvez seja a sua estreita associação com a história, com a literatura e com a arqueologia desde seus primórdios.

Palavras-chave: Antropologia. Campo Disciplinar. Arqueologia. História. Piauí.

ABSTRACT

This text presents some preliminary considerations on the peculiarities of the formation, the development and the consolidation of the disciplinary field of anthropology in the Brazilian state of Piauí. What characterizes and differentiates the profile of the formation of anthropology in Piauí, when compared to the history of the “national anthropology” in Brazil, is its strict association with the disciplinary fields of history, literature, and archaeology from its beginnings.

Keywords: Anthropology. Disciplinary Field. Archaeology. History. Piauí.

1 INTRODUÇÃO

Compreender os processos de constituição social das diferenças culturais no tempo (histórico e pré-histórico) e no espaço (regional), com a finalidade de promover a formação da cidadania cultural, pode ser considerado o objetivo (e objeto) maior dos estudos antropológicos. Partindo dessa preocupação com as diferenças e as alteridades, o campo disciplinar da antropologia foi-se instituindo no Brasil quase que paralelamente a sua constituição nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na França e na Alemanha (BARTH *et al* ii, 2005), “tropicalizando” e adaptando às realidades brasileiras os modelos disciplinares desses países (PEIRANO, 2005; RIBEIRO, 2006).

Ao longo do século XX, pesquisas de cunho antropológico foram sendo realizadas em todas as regiões do Brasil, junto aos mais diversos coletivos, grupos, povos e comunidades, realizadas, inicialmente, por estrangeiros, seguidos por brasileiros. Muito se sabe sobre a constituição do campo disciplinar no Sudeste e no Sul do Brasil, além de Brasília, onde se encontram também os principais pólos universitários e os grandes centros urbanos. Pode-se até dizer que os estudos sobre o campo nessas regiões austrais do Brasil se desenvolvem à medida em que se consolidam os programas de pós-graduação em antropologia ou em ciências sociais com áreas de concentração em antropologia nessas regiões. Inúmeros compêndios, coletâneas, resenhas e “estados da arte” foram publicados nas últimas três décadas, contendo um grande número de informações sobre a história da instituição do campo da antropologia no Brasil, criando a sensação da existência de uma antropologia nacional, embora os textos pouco ou nada falassem da antropologia que se fazia ou que estava despontando fora, ou para além desses eixos acadêmicos (CORREA, 1987, 2003a, 2003b; MARTINS; DUARTE, 2010; MELATTI, 1983; MICELI, 1999, 2001, 2005; SALZANO, 2009).

Aos poucos, foi-se estudando timidamente a extensão do campo para as regiões Nordeste, Norte e para o resto do Centro-Oeste, para além de Brasília, talvez, aqui também, em função da expansão da pós-graduação nessas regiões (TRAJANO FILHO; RIBEIRO, 2004¹).

No Piauí, faltava, até a montagem do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no final da

¹A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) está, atualmente, atualizando os dados apresentados nos diversos artigos da coletânea organizada por Trajano Filho e Ribeiro e publicada sob os auspícios da Associação em 2004.

década de 2000, uma história da constituição do campo no estado². Dediquei-me a esse trabalho em 2008, com vistas à elaboração da Apresentação de Propostas de Cursos Novos (APCN) do PPGAArq/UFPI, juntamente com alguns colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFPI, dentre os quais Fábio Ferreira, Junia Napoleão, Ferdinand Cavalcante e Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa³.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao que parece, a antropologia e a arqueologia se institucionalizaram no estado com a instalação da Missão Arqueológica Franco-Brasileira e a criação do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP) na Universidade Federal do Piauí, em fins da década de 1970, liderado pelo arqueólogo paulista Niède Guidon, e com a consequente criação, no início da década seguinte, do Departamento de Ciências Sociais da UFPI, tendo à frente da área de antropologia um membro da equipe de Niède Guidon, a etnóloga, também paulista, Vilma Chiara. Assim, antropologia e arqueologia, no Piauí – talvez mais claramente do que em outras unidades da Federação –, possuem uma genealogia acadêmica comum, que marcaria a história do desenvolvimento desses campos disciplinares em suas origens, em uma espécie de “linhagem” comum.

Até a institucionalização da antropologia e da arqueologia no Piauí, o interesse pela diversidade cultural e pela história da ocupação e dos povos que viveram no estado era suprido pelos estudos realizados por pensadores, sábios diversos e homens de letras, sobretudo historiadores, fossem eles (sim, sempre eles, e nunca elas) amadores diletantes ou *cientistas* apaixonados. Relatos, retratando fragmentos de certa realidade piauiense, são encontrados nas obras de inúmeros missionários, viajantes, desbravadores e administradores coloniais dos séculos XVI a XIX, dentre os quais Claude d’Abbeville (História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas), RoulouxBaro (Relação da Viagem de RoulouxBaro [...] ao País dos Tapuias), Yves d’Evreux (Viagem ao Norte do

²Não se trata, aqui, de abordar os trabalhos antropológicos que foram realizados *no* Piauí – como os trabalhos pioneiros de Carneiro (1976) e Godoi (1999), dentre outros –, mas de iniciar uma reflexão sobre a formação do campo no estado a partir de pesquisadores, que permaneceram ali e se vincularam a instituições locais, instituindo, assim, o campo.

³ Grande parte das informações contidas nesse artigo são oriundas das inúmeras conversas com esses professores, aos quais agradeço pelo esforço da memória. Agradeço ainda a Jaqueline Pereira de Sousa, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará pela leitura carinhosa e sugestões importantes.

Brasil Feita nos Annos de 1613 e 1614), Gabriel Soares de Sousa, Affonso d'Escragnolle Taunay e Johann Baptist Von Spix e Karl Friedrich Philip Von Martius, dentre tantos outros⁴.

Ao longo do período, que vai do final do século XIX ao início do XX, principalmente em sua segunda metade, várias obras que marcam uma literatura genuinamente piauiense discorreriam sobre a realidade sertaneja, em particular aquele que é considerado um dos primeiros romances de seca na literatura brasileira (SILVA, 2005), Ataliba, o Vaqueiro, de Francisco Gil Castelo Branco, e as poesias contidas em A Lira Sertaneja, de Hermínio Castelo Branco, além de romances que tratam da diversidade cultural e da desigualdade social urbana teresinense, como em O Manicaca, de Abdias Neves. Em El Matador, do poeta H. Dobal denunciava-se o massacre da população indígena do estado, durante o processo de ocupação no século XVIII, perpetrado por pecuaristas da Casa da Torre de Garcia d'Avila. Em seguida, ainda na literatura, seriam nomeadas as desigualdades raciais, em particular na obra do poeta vanguardista Torquato Neto, já nas décadas de 60 e 70 do século XX.

Dois grandes pensadores sociais – historiadores – desenvolveriam, em suas obras, publicadas ao longo do século XX, um poderoso paradigma para a compreensão da ocupação do Piauí e, particularmente, das relações entre populações nativas, invasores europeus e africanos escravizados: Odilon Nunes, em seu clássico Pesquisas para a História do Piauí, e Monsenhor Chaves (Joaquim Raimundo Ferreira Chaves), em seu antológico O Índio no Solo Piauiense.

Dois heróis populares, mártires “eticamente marcados”, seriam objetos de interesse de vários historiadores e literatos: Mandu Ladino, o indígena que, em solo piauiense, reuniu uma confederação de “tribos” para se rebelar contra as invasões “brancas” no século XVIII, por um lado, e, por outro, Esperança Garcia, a negra escravizada que, depois de conseguir, com muito custo, a tão sonhada liberdade, reúne negros, indígenas e brancos “desposuídos” para resistir à opressão colonial. E uma curiosidade, que não tem muito a ver com as relações sociais piauienses, seria tema de discussões acirradas no meio acadêmico brasileiro e mundial: um pesquisador austríaco, no início do século XX, em visita à região do que é hoje o Parque Nacional de Sete Cidades, na região norte do estado, afirmava ter encontrado vestígios de uma civilização pré-histórica originária dos fenícios e que, por isso, o Piauí teria uma “energia especial” e o piauiense seria herdeiro direto de “povos mais avançados”, devendo, assim, serviços à humanidade. Claro está que a comunidade científica

⁴Trata-se de um conjunto de textos publicados em diversas edições ao longo dos últimos séculos e de fácil acesso via internet em sites especializados, razões pelas quais preferi omiti-las das referências bibliográficas.

nunca conseguiu provar a tal visita dos fenícios ao Piauí, mas esse tipo de divagação era típico desse momento da “era dos museus”, entre o final do século XIX e o início do XX, em que se buscavam vestígios de civilizações “avançadas” no Brasil, que pudessem legitimar a viabilidade da nova nação (SCHWARCZ, 2005; FERREIRA, 2009).

Outras obras importantes trariam mais precisão acerca das relações sociais na história do Piauí, como *O Vale do Rio Parnaíba*, de M. Gayoso Almendra, *Roteiro do Piauí*, de C. Eugênio Porto, *O Povoamento do Piauí*, de M. Castelo Branco Filho e, sobretudo, *Etnohistória Indígena Piauiense*, de J. G. Batista e *Piauí Colonial*, de L. R. B. Mott. Importantes teses de doutorado e dissertações de mestrado, defendidas nos últimos vinte e cinco anos, têm trazido novidades relevantes para o estudo do povoamento do Piauí, como algumas apresentadas, no final da década de 2000, ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da UFPI, como a tese da antropóloga, arqueóloga e historiadora Junia Napoleão, assim como a tese e a obra enciclopédica de Claudete Miranda Dias e a tese da arqueóloga e historiadora Gisele Daltrini Felice. Vale destacar, ainda, os trabalhos de etnohistória indígena empreendidos pelo historiador João Renôr Ferreira de Carvalho (*Os Índios Guegê e Acaroa (Craô) do Piauí Colonial*) e pelo jurista Paulo Machado (*As Trilhas da Morte: Extermínio e espoliação das nações indígenas na região da Bacia Hidrográfica Parnaibana Piauiense*).

3 METODOLOGIA

No que diz respeito mais especificamente à antropologia e à arqueologia, parece que, de fato, Niède Guidon e Vilma Chiara é que, historicamente, teriam inaugurado as pesquisas nessas áreas, tendo o Piauí como contexto temático de trabalho. Niède Guidon⁵, nascida em São Paulo, no início da década de 1930, cursou História Natural na Universidade de São Paulo (USP) entre 1956 e 1959, especializou-se em Arqueologia Pré-Histórica na Université de Paris IV, nos anos de 1961 e 1962, doutorou-se em Pré-História na Université de Paris I, entre 1971 e 1975 e terminou o estágio de pós-doutorado, também na Université de Paris I, em 1984.

⁵As informações apresentadas a partir daqui sobre Niède Guidon, que podem conter alguns erros pelos quais peço de antemão desculpas, foram compiladas a partir de conversas com professores da UFPI (dentre os quais alguns que estavam na base da criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia), do currículo da Plataforma Lattes e de inúmeras entrevistas concedidas pela pesquisadora em revistas, jornais e canais de televisão, além da dissertação de Mestrado de Siria Emerenciana Nepomuceno Borges, defendida em 2007 junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI (BORGES, 2007).

Quando era pesquisadora do Museu Paulista (USP) no início da década de 1960, Niède Guidon parece ter sido informada, por um representante político de São Raimundo Nonato, de que naquela região do semiárido sertanejo haviam sido encontrados inúmeros indícios da presença humana (que poderiam ser pré-históricos), através dos desenhos e grafismos feitos por “caboclos” (BORGES, 2007) em grutas ocupadas àquela época por grupos familiares de caçadores empobrecidos ou, talvez, quilombolas. Algum tempo depois, a pesquisadora conseguiria ir verificariam loco do que se tratava. Fascinada com as “descobertas”, transformaria os registros rupestres ali vistos em objeto de pesquisa para o seu doutorado no início da década de 1970, juntaria uma equipe de arqueólogos e antropólogos experientes, servir-se-ia de seu prestígio junto ao Centro Nacional de Pesquisa Científico francês (Centre National de La Recherche Scientifique, CNRS) e, junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, UNESCO) e, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores francês (Ministère des Affaires Étrangères, MAE), estabeleceria a “Missão Franco-Brasileira no Sudeste do Piauí” para empreender o gigantesco trabalho de mapeamento, catalogação e estudo dos sítios arqueológicos da região da Serra da Capivara, em parceria com a Universidade Federal do Piauí, através da criação, em 1978, do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (BORGES, 2007).

Por sua vez, Vilma Chiara⁶, nascida em São Paulo no final da década de 1920, formou-se em Economia Política na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) na primeira metade da década de 1950, graduou-se em Etnologia na Université de Paris I, na França, e realizou o mestrado e o doutorado em Etnologia na École des Hautes Études em Sciences Sociales, também na França, no final da década de 1960 e durante a década seguinte. Logo após a graduação, teria sido convidada por Sérgio Buarque de Holanda, então diretor do Museu Paulista, e por Herbert Baldus, chefe do Setor de Etnologia do Museu (considerado, nas palavras de Vilma Chiara, em entrevista concedida à Revista Contato, nº 53, ano 9, 2007, “o papa da Etnologia Brasileira”), para ali estagiar.

No Museu Paulista, teria conhecido o fotógrafo e etnólogo Harald Schultz, braço direito de Baldus, ex-chefe do Serviço de Documentação Fotocinematográfica e Sonora do

⁶As informações apresentadas, de agora em diante, sobre a Vilma Chiara, que também podem conter erros pelos quais, desde já, me desculpo, foram compiladas a partir de conversas com a própria Vilma Chiara (que me mandou um currículo em outubro de 2007), conversas com professores do Departamento de Ciências Sociais da UFPI, acesso ao site da antropóloga (<https://vilmachiara.wordpress.com/curriculo/>) e de inúmeras entrevistas disponíveis na internet (dentre as quais a que foi publicada na Revista *Contato*), além de textos sobre a biografia de Harald Schultz e de colegas seus de trabalho – em particular, o artigo de Françaço (2005), o de Chiara (1991) e a dissertação de mestrado de Passador (2002).

Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Schultz havia sido orientado pelo Marechal Rondon no SPI, iniciado em Etnologia por Curt Nimuendajú e aluno de Baldus na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. No Museu, Schultz retomaria a publicação da Revista do Museu Paulista e incentivaria a tradução de etnólogos alemães e teuto-brasileiros, como Ehrenreich. Vilma Chiara se casou com Schultz e o acompanharia em suas expedições por territórios indígenas brasileiros diversos até enviuvar em 1966.

A primeira viagem dessas expedições, que soaria como “viagem de núpcias”, levaria o casal à cidade de Belém, no Pará, de onde partiriam para uma expedição até os limites do território do estado do Acre com o Peru, permanecendo junto aos indígenas Tukurina durante alguns meses. Um ano depois, após a chegada em São Paulo, nasceria o filho do casal, que acompanharia os pais em viagens aos territórios dos Karajá, às margens do Rio Araguaia. No início da década de 1960, como funcionária do Museu Paulista, a vida de mãe e de profissional prosseguiria, intercalando-se. No Museu Paulista, começaria a se acumular as coleções de peças indígenas que deviam ser catalogadas e restauradas, as que mereciam exposições cada vez mais acessíveis ao público, o que demandava mais pesquisas, publicações, logo, mais viagens. Nesse roldão de atividades, surgiria a oportunidade de uma viagem aos Estados Unidos para uma formação museológica, apoiada pelos arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers, junto à Organização dos Estados Americanos (OEA), que duraria nove meses. Outros estágios seriam realizados em outras cidades e outros museus, em função da especialização de cada equipe museológica americana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades múltiplas e absorventes desenvolvidas sob a égide do Museu Paulista dificultariam o prosseguimento acadêmico de qualquer ordem, e o engajamento no curso de pós-graduação da Universidade de São Paulo junto aos professores Egon Schaden e Florestan Fernandes ficaria sempre interrompido. Não obstante, além dos grupos étnicos, contatados ao longo do Rio Purus e seus afluentes no Acre, seriam “alinhavadas” as do alto Solimões (Tukuna), do Guaporé (Moré), do Araguaia (Karajá, Chambioá, Javahé, Tapirapé) e do Cerrado do Tocantins e Maranhão (Kraô, Canela). Ao longo dos doze anos de duração do casamento, Vilma Chiara teria visitado e estudado, assim, inúmeras sociedades indígenas, especializando-se, finalmente, na sociedade Kraô. Com a morte de Schultz, em 1966, herdaria um acervo de mais de 12.000 negativos, 10.000 slides e 60 filmes etnográficos de 14 grupos indígenas diferentes.

Depois da morte de Schultz, Vilma Chiara deixaria o Museu Paulista e se mudaria para a França, a convite da arqueóloga Annette Laming-Emperaire, em pleno auge do estruturalismo lévi-straussiano. Em Paris, encontrariam Niède Guidon, com quem já havia trabalhado no Museu Paulista. Prosseguiria sua formação acadêmica, terminando o doutorado sobre os Kraô, voltando ao Brasil no final da década de 60. Quando Niède Guidon foi para o Piauí, Vilma Chiara ajudaria a criar a Missão Franco-Brasileira de Arqueologia como antropóloga assistente. Com mais um doutorado em Geografia na USP e um Pós-Doutorado na Universidade de Harvard, seria integrada ao quadro docente da UFPI à frente da área de antropologia. Ademais, de seu interesse por etnologia indígena, empreenderia pesquisas, ao longo de mais de quase duas décadas de docência na UFPI, sobre as cosmologias de “civilizações ocidentais”, em particular sobre o mito de origem bíblico, envolvendo, nesse projeto, muitos dos demais jovens antropólogos do Departamento de Ciências Sociais. Após a aposentadoria, em 1995, Vilma Chiara mudar-se-ia para o Paraná.

Percebe-se, portanto, a importância de Niède Guidon e de Vilma Chiara, tanto para a institucionalização inicial dos campos disciplinares da arqueologia e da antropologia no Piauí, como para a estruturação teórico-metodológica desses campos, particularmente na UFPI, através da criação do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica e da fundação da Associação de Pesquisadores em Ciências Humanas (APeCH), que apoiaria academicamente o curso de Ciências Sociais⁷.

Consolidados os trabalhos de pesquisa na região, Niède Guidon iniciaria a formação da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). A partir daí, o Parque Nacional da Serra da Capivara seria criado em 1979 e, na sua instalação, o IBAMA concederia à FUMDHAM a direção do Parque Nacional. Em 1991, o Parque seria reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. Outro Parque, também de reconhecido interesse arqueológico seria criado alguns anos depois o Parque Nacional da Serra das Confusões.

A FUMDHAM e o Parque Nacional da Serra da Capivara, tendo à frente Niède Guidon, realizariam cursos de formação, de capacitação e de especialização de profissionais para trabalhar, não só com a conservação das riquezas do Parque e adjacências, mas também para desenvolver pesquisas fundamentais e refletir sobre as formas de envolver as comunidades locais, através de ações de educação patrimonial, na preservação e na conservação cidadãs do ambiente natural e cultural da região. Foi nesse contexto que ocorreu

⁷ A arqueologia e a antropologias feitas no Piauí pareciam ser, então, marcadamente processualista e estruturalista durante as décadas de 1970 e 1980.

a criação de um escritório técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em São Raimundo Nonato, assim como a estruturação do Museu do Homem Americano, a realização de inúmeros eventos artísticos e culturais, alguns de renome internacional (como as três edições do Festival Interartes, na primeira metade da década de 2000) e eventos científicos (como o encontro da International Federation of Rock Art Organization, IFRAO, em 2009), a implementação, de um programa de Arte-Educação (Pró-Arte) e, finalmente, a execução de formação em dança, artes cênicas, cerâmica, etc, direcionada para a comunidade do entorno do Parque, dentre tantas outras ações e atividades⁸.

No âmbito da pesquisa científica, ao longo da década de 1990, a FUMDHAM se consolidou como instituição de excelência na área de arqueologia, estimulando parecerias com o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Pernambuco e, nos anos 2000, com o curso de graduação em Arqueologia da então recém-criada Universidade Federal do Vale de São Francisco. A partir de 2008, a FUMDHAM também estaria abrigando algumas atividades do curso de graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da UFPI, criado na segunda metade da década de 2000.

Com a instalação definitiva de Niède Guidon, na primeira metade da década de 1980, nas proximidades da sede da FUMDHAM, em São Raimundo Nonato, a parceria com a UFPI passou a ser representados, pela geração então formada pela pesquisadora, membros do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), e pela etnóloga Vilma Chiara, encabeçando a área de antropologia no Departamento de Ciências Sociais. Integraram o Departamento, fortalecendo a relação entre arqueologia e antropologia, desde sua criação, os arqueólogos e antropólogos Sônia Campelo (mestre em Pré-História, Etnologia e Antropologia pela *Université de Paris I* e Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense), Fábio Lustosa Ferreira (especialista em Arqueologia pelo Museu Nacional da UFRJ, mestre em Educação pela UFPI) e, posteriormente, Junia Napoleão (especialista em Arqueologia pelo Museu Nacional da UFRJ, mestre em Educação pela Universidade Estadual do Piauí em parceria com o Instituto Pedagógico Latino americano y Caribeño de Cuba e Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense).

A Antropologia seria reforçada ainda, ao longo dos anos 90, com a atividade das antropólogas Maria Lúcia Medeiros de Noronha Pessoa (mestre em Antropologia Social pela

⁸Veja, para mais informações sobre o Pró-Arte, <http://linadocarmo.de/112-2-Pr-Arte-Fumdhham.html> e http://lucasaquiles.tripod.com/site_projeto/conteudo/arte.htm e sobre a FUMDHAM, <http://www.fumdhham.org.br>

Unicamp e doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Maria do Carmo Veloso (já aposentada, especialista em Economia Rural e mestre em Gestão Universitária pela UFPI) e Rose Mary Ribeiro (também aposentada, mestre em Educação pela UFPI), além de Elda Arêa Leão (atualmente aposentada). Para suprir tanto as vagas abertas pelas aposentadorias, como a necessidade gerada pelo afastamento para doutoramento de outros docentes, fui contratado no início da década de 2000 (com mestrado e doutorado em Etnologia e Antropologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França) e, em seguida, Francisca Verônica Cavalcanti (mestre e doutora em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Com a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, iniciando suas atividades em 2009, foram contratados mais alguns antropólogos e arqueólogos os primeiros lotados no Departamento de Ciências Sociais e os outros na Coordenação de Arqueologia. A antropologia e a arqueologia na UFPI contavam ainda com a colaboração de grande relevância de professores-pesquisadores, com “trânsito livre” entre a sociologia e a antropologia, por um lado, como Maria Dione Carvalho de Moraes, ou entre a arqueologia e as ciências naturais, por outro, como Maria Conceição Soares Meneses Lages. Alguns grupos de pesquisa, em sua maior parte cadastrados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foram criados para sustentar o novo Programa de Pós-Graduação, dentre os quais os grupos de Antropologia do Desenvolvimento e Meio Ambiente; Antropologia, Imagem e Patrimônio Cultural; Antropologia do Corpo, Gênero e Sexualidade; Ritual e Simbolismo; dentre outros, marcando os eixos temáticos privilegiados pelo Programa.

Na Universidade Estadual do Piauí, assim como nos campi interioranos da UFPI e nas instituições privadas de ensino superior, onde disciplinas de antropologia são ministradas em cursos das mais diversas áreas do conhecimento, os docentes têm dificuldade em incentivar a realização de pesquisas por diversas razões, geralmente, de ordem financeira e logística, embora muitos sejam doutores. Essa realidade pode vir a mudar com as recentes contratações de professores doutores em campi interiorizados da UFPI, sobretudo o de Parnaíba, e com a abertura de mais um curso de Ciências Sociais na UESPI, somados ao já existente na UFPI.

Algumas questões teóricas e metodológicas levariam à criação do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e à extinção da área de concentração em arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia – que se tornou, então, Programa de Pós-Graduação em Antropologia – o que pode vir a representar uma tentativa de

aproximação dos antropólogos locais com os sociólogos e a conseguinte aproximação dos arqueólogos locais com profissionais das ciências da natureza, para além da parceria entre antropologia e arqueologia

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, parece que as preocupações antropológicas diletantes, no Piauí, eram supridas por pensadores sociais e historiadores até a ancoragem da arqueologia no estado com os grandiosos projetos empreendidos por Niède Guidon e sua equipe, no final da década de 1970 e início da década de 1980. Um dos membros da equipe, Vilma Chiara, funda a antropologia “científica”, de inspiração estruturalista, na UFPI, no início da década de 1980. Porém, em pouco tempo, ao longo da década de 1980 e, sobretudo, 1990, os dois campos disciplinares parecem ter divergido, fazendo com que não se perceba sequer que um dia possam ter caminhados juntos; vale lembrar que as perspectivas epistemológicas adotadas tinham dificuldade em conjugar antropologia e arqueologia, sobretudo com as preocupações da arqueologia da equipe de Niède Guidon, contradizendo as novas preocupações interpretativistas da antropologia de Vilma Chiara.

Enfim, se na década de 1990 e início de 2000, a formação e, por conseguinte, a pesquisa em antropologia pareciam moribundas a partir de meados da década de 2000, com o início da renovação do quadro docente da UFPI e a criação do curso de graduação em arqueologia, há uma nova aproximação dos campos que desemboca na formação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, de inspiração levemente boasiana e, em seguida, a criação do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, fortemente marcado pela formação em ciências naturais por parte de seus docentes. A esse primeiro retrato da formação do campo da antropologia no Piauí deve ser acrescido outro itinerário relativo às pesquisas que vêm sendo realizadas no estado na última década – exorto, portanto, os pesquisadores locais para que dêem continuidade a esse mapeamento.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. *et al.* **One Discipline, Four Ways: british, german, french, and american anthropology.** Chicago/Londres: University of Chicago Press, 2005.

BORGES, S. E. N. **A Invenção do Patrimônio Mundial: Parque Nacional da Serra da Capivara-PI.** (Dissertação de Mestrado em História do Brasil). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007.

CARNEIRO, M. J. **Terra da Probreza.** (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1976.

CHIARA, V. Harald Schultze. In: Winters, C. (org.). **International Dictionary of Anthropologists.** Nova York / Londres: Garland Publishing, 1991, pp. 623-624.

CORREA, M. (org.). **História da Antropologia no Brasil (1930-1960).** Campinas: Ed.Unicamp, 1987.

CORREA, M. **Antropólogas e Antropologia.** Belo Horizonte: EdUFMG, 2003a.

_____. **As Reuniões Brasileiras de Antropologia: 50 anos (1953-2003).** Campinas: EdUnicamp / Brasília: ABA, 2003b.

_____. **História da Antropologia no Brasil** – projeto da Unicamp. S/d – entrevista com Vilma Chiara.

FERREIRA, L. M. **“Ordenar o Caos”: Emilio Goeldi e a Arqueologia Amazônica.** In: Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas, 4, 1, 2009, pp. 71-91.

FRANÇOZO, M. O Museu Paulista e a História da Antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. In: **Revista de Antropologia**, 48, 2, 2005.

GODOI, E. P. **O Trabalho da Memória.** Campinas: EdUnicamp, 1999.

MARTINS, C. B. & DUARTE, L. F. D. (org.). **Horizontes das Ciências Sociais: Antropologia.** São Paulo: Anpocs, 2010.

MELATTI, J. C. **Antropologia no Brasil: um roteiro.** In: Série Antropologia – UnB, 38, 1983.

MICELI, S. (org.) **O Que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995): Antropologia (Volume I).** São Paulo: Sumaré / ANPOCS / CAPES, 1999.

_____. **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol.1. São Paulo: Sumaré, 2001.

PASSADOR, L. H. **Herbert Baldus e a Antropologia no Brasil.** (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

PEIRANO, M. **A Guide to Anthropology in Brazil.** Vibrant, vol. 2, 2005.

RIBEIRO, G. L. Antropologias Mundiais: para um novo cenário global na antropologia. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 21, 60, 2006, pp. 147-185

SALZANO, F. **A Antropologia no Brasil: é a interdisciplinaridade possível?** In: *Amazônica*, 1, 1, 2009, pp. 12-27.

SCHWARCZ, L. M. A **“Era dos Museus de Etnografia” no Brasil:** o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: Figueiredo, B.G. & Vidal, D. G. (orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm / Brasília: CNpq, 2005, pp. 113-136.

SILVA, R. C. M. **A Representação da Seca na Narrativa Piauiense:** séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

TRAJANO FILHO, W.; G. L. RIBEIRO (orgs.). **O Campo da Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa / ABA, 2004.